

CÉSAR OBEID
JONAS RIBEIRO



O menino de muitas caras



ilustrações de Andrea Ebert

Suplemento do professor

Elaborado por Ana Paula Ribeiro Freitas



SUGESTÕES DIDÁTICAS

O menino de muitas caras aborda um tema muito presente hoje nas escolas, o chamado *bullying*, palavra de origem inglesa utilizada em situações de agressão física ou verbal por uma pessoa ou um grupo de pessoas que tentam intimidar outras sem condições de defenderem-se por terem menos força ou poder que o (s) agressor (es).

De forma criativa, o livro apresenta um meio de solucionar esse recorrente problema no ambiente escolar: dar voz aos alunos para que eles expressem seus pensamentos, seus medos, suas angústias e suas emoções, bem como apresentem soluções simples para situações cotidianas complexas por meio da literatura de cordel, ou seja, por meio da poesia.

1. O bullying no contexto escolar

Não é de hoje que práticas discriminatórias fazem parte do cotidiano escolar, porém, nos últimos anos, elas vêm se intensificando, trazendo sérios prejuízos psicológicos ou físicos ao sujeito discriminado.

Logo no início do livro é possível identificar características presentes na prática do *bullying*:

“Havia um menino **pequeno** que adorava **brincar**.

Ele era vizinho de um menino **grande** que adorava **brigar**.

Os dois estudavam na mesma classe, só que **o menino grande vivia provocando o menino pequeno**:

– Seu cara de pastel, de lesma amassada, cara de banana.

O menino pequeno segurava as lágrimas para não chorar na frente de ninguém. **Tentava revirar, e nenhuma palavra saía.”**

A leitura desse trecho mostra que o que fazia o menino grande ser o agressor não era apenas o fato de ele ser maior que o pequeno, mas, sim, o seu comportamento hostil e a crença de ter maior poder que o colega.

Ao longo do livro, outras características da prática de *bullying* aparecem, como a intencionalidade das ações repetidas vezes sem nenhuma justificativa e o silêncio dos membros do grupo por causa do medo de tornarem-se novas vítimas do agressor.

IMPORTANTE!

Por ser uma prática comum nas escolas, é importante que você, professor, tenha um olhar cuidadoso para as ações, os comportamentos, os comentários e os silêncios presentes na sala de aula. Quanto mais cedo essa prática for identificada, maiores serão as chances de evitar consequências negativas para o sujeito agredido.

Lembre-se de que, como dito anteriormente, a agressão não é apenas física. Ela pode ocorrer por meio de comentários preconceituosos em relação à cor, à etnia, à opção sexual, à religião ou às características físicas, assim como crítica ao modo de a pessoa falar, vestir-se ou alimentar-se, sendo que tais práticas visam a humilhar, na maioria das vezes, a vítima perante o grupo.

No entanto, é importante não confundir o *bullying* com brincadeiras infantis que ocorrem esporadicamente. O *bullying* é um comportamento constante e intencional.

2. Identificando a prática de bullying

Com a ajuda dos alunos, redija uma lista de ações possíveis de serem praticadas por um agressor, como humilhar o colega em público; danificar o seu material; constranger, chantagear ou isolar o aluno; entre outras.

A identificação das ações que caracterizam o *bullying* é fundamental para que os alunos tomem consciência da gravidade desta prática e saibam reconhecer quando a ação de um colega ultrapassa os limites da convivência, devendo ser denunciada ao professor.

Converse com a turma a respeito dos itens levantados e proponha um debate sobre o assunto.

3. Pesquisando o tema

Peça aos alunos que façam uma pesquisa em relação às consequências físicas e psicológicas que a prática do *bullying* pode causar à vítima. Os alunos devem inventar formas criativas de apresentar o conteúdo pesquisado, utilizando desenhos, vídeos, teatro ou cartazes.

4. A literatura de cordel

No livro **O menino de muitas caras**, a literatura de cordel é apresentada aos alunos como uma rica possibilidade de brincar com as palavras por meio de rimas, apresentando falas cotidianas e problemas que circulam no ambiente escolar.

Esse tipo de literatura, também chamada de folheto ou romance, é uma forma de poesia popular típica da região nordeste, embora, atualmente, já esteja espalhada por todo o Brasil pelo processo de migração

do sertanejo nordestino. Sua valorização é fundamental para a manutenção da tradição literária regional e a preservação das identidades locais.

Durante alguns anos, a literatura de cordel foi um dos principais meios de divulgação de conhecimentos e informações, além de propiciadora de momentos de diversão aos leitores.

Um aspecto muito interessante desse tipo de literatura é que qualquer tema pode ser transformado em versos. Os folhetos mais famosos desse gênero abordam temas relacionados ao amor e ao sofrimento amoroso, às artimanhas dos cangaceiros, à política e à crítica social. Também há folhetos que tratam de cidadania, preconceitos, assuntos cotidianos e outros mais delicados, como o presente no livro **O menino de muitas caras**.

As estrofes das poesias de cordel são escritas com dez, oito ou seis versos rimados, e o material final é geralmente ilustrado com xilogravuras, ou seja, com gravações feitas em relevo na madeira – forma popular encontrada para tornar os folhetos mais atrativos ao público.

Em algumas feiras populares nordestinas, é comum ouvir cordelistas recitarem os versos de maneira melodiosa e cadenciada, acompanhados de viola e muita animação.

Porém, é importante lembrar que os cordelistas são diferentes dos repentistas, que fazem uso constante do improviso e da oralidade. Embora ambos os gêneros sejam permeados de muita criatividade, a literatura de cordel não é um ato de improviso e pauta-se nos textos escritos, previamente elaborados.

PARA SABER MAIS!

Em Portugal, havia uma forma semelhante de manifestação poética. A diferença é que ela poderia ser escrita em forma de prosa ou verso.

Os folhetos eram pendurados em varais de barbante, chamados de “cordéis”. Esse tipo de poesia foi trazido ao Brasil em meados do século XIX pelos portugueses, mas, com o tempo, ganhou características próprias.

Inicialmente, os folhetos produzidos pelos cordelistas brasileiros também eram pendurados em varais, mantendo a tradição portuguesa, mas nos dias atuais os autores expõem o seu trabalho de diversas maneiras (pendurados, em bancas ou, até mesmo, no chão).

5. *Conhecendo melhor o cordel*

Apresente aos alunos a estrutura dos folhetos de cordel. Se possível, leve alguns exemplares desse gênero para a sala de aula para que eles possam manusear, ler, divertir-se e conhecer o modo como os folhetos são ilustrados na maioria das vezes. Caso não seja possível, apresente alguns exemplares disponíveis na internet. Há muitos *sites* que divulgam esse gênero em suas páginas.

6. *Alunos cordelistas*

Provavelmente a leitura do livro **O menino de muitas caras** inspirará muitos alunos a comporem o seu próprio folheto de cordel.

Antes de solicitar a escrita de um texto na forma desse gênero literário, certifique-se de que todos os alunos sabem o que são rimas,

versos e estrofes. Caso alguns alunos tenham dúvida, leve poemas para a sala de aula para que eles aprendam a identificar a diferença entre um texto produzido em prosa e um texto produzido em versos. Também explore a riqueza das rimas, essenciais para a elaboração do folheto de cordel.

Assim que toda a turma estiver familiarizada com essa forma de escrita, proponha a composição de um texto na forma de cordel. O assunto a ser tratado é livre, já que esse gênero permite uma multiplicidade de temas. O aluno que quiser trazer um problema pessoal em seus versos deverá ser incentivado, uma vez que no livro foi dessa maneira que o menino pequeno conseguiu fazer com que a história tivesse um final feliz.

7. *A interdisciplinaridade na produção dos cordéis*

Converse com o professor de Arte de sua escola e sugira uma parceria para a produção dos folhetos de cordéis elaborados pela sua sala de aula.

Peça ao professor que aborde as características da xilogravura com a turma e, depois, utilize essa técnica para a ilustração dos folhetos.

Ao final da produção, exponha o trabalho dos alunos em varais de barbante, resgatando a antiga tradição que deu nome à literatura de cordel.

